

**REDUÇÃO DE DANOS NOS FAZERES EDUCATIVOS COM CORPOMÍDIA E
TÉCNICA KLAUSS VIANNA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

**REDUCCIÓN DE DAÑOS EN LOS HACERES EDUCATIVOS CON CORPOMEDIA Y
TÉCNICA KLAUSS VIANNA PARA LA EDUCACIÓN INFANTIL**

**HARM REDUCTION IN EDUCATIONAL PRACTICES WITH CORPOMEDIA AND
KLAUSS VIANNA TECHNIQUE FOR EARLY CHILDHOOD EDUCATION**



Marcella de OLIVEIRA¹
e-mail: marcellaolivei@gmail.com



Francisco José Figueiredo COELHO²
e-mail: educacaosobredrogas@gmail.com

Como referenciar este artigo:

OLIVEIRA, Marcella de; COELHO, Francisco José Figueiredo. Redução de danos nos fazeres educativos com corpomídia e Técnica Klauss Vianna para Educação Infantil. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, n. 00, e025020, 2025. e-ISSN: 2177-5060. DOI: 10.29378/plurais.v10i00.22084



| **Submetido em:** 07/10/2024
| **Revisões requeridas em:** 29/10/2025
| **Aprovado em:** 29/10/2025
| **Publicado em:** 17/12/2025

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Professora e redutora de danos, supervisora de projetos na Rede de Atenção Psicossocial de Guarulhos e integrante da ABRAMD Educação. Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação Comunicação e Semiótica, PUC-SP.
² Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professor do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Ensino em Biociências e Saúde/PGEBS/IOC/FIOCUZ.

RESUMO: Aguçar os sentidos e nomear as sensações é uma das propostas na Educação Infantil, buscando perceber as relações do corpo com o ambiente. Nesse caminho, este artigo discute práticas de ensino-aprendizagem dirigidas a crianças na Educação Infantil, com foco na redução de danos, incluindo a noção de corpomídia, conduzindo o esmiuçar do corpo com a Técnica Klauss Vianna nos fazeres educativos voltados à redução de danos. Justifica-se pela urgência da noção de corpo em uma dimensão de complexidade na educação, com a redução de danos relacionada a hábitos contemporâneos, incitando uma pedagogia centrada no lúdico, no corpo e nas diversidades. A metodologia da pesquisa é exploratória e qualitativa, incluindo recortes de revisão bibliográfica de fontes contemporâneas. Os resultados propõem que uma pedagogia com as três epistemes instaura uma lógica complexa para reduzir danos em relação a hábitos abusivos e prejudiciais, oferecendo possibilidades lúdicas como alternativa ao uso intenso de telas entre crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Corpomídia. Redução de danos. Técnica Klauss Vianna. Educação Infantil.

***RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo discutir prácticas de enseñanza-aprendizaje dirigidas a niños de Educación Infantil, con reducción de daños, incluyendo la noción conceptual de corpomedia que conduce al escrutinio del cuerpo con la Técnica Klauss Vianna en actividades educativas con reducción de daños. Se justifica por la urgencia de la noción de cuerpo en una dimensión de complejidad en la educación con la reducción de los daños y riesgos relacionados con los hábitos contemporáneos, fomentando una pedagogía con centro en el cuerpo, el lúdico y las diversidades. La metodología de la investigación es exploratoria y cualitativa, incluyendo un extracto de revisión bibliográfica de fuentes contemporáneas. Los resultados proponen que una pedagogía con la Teoría Corpomedia, la Técnica Klauss Vianna y la reducción de daños establecen una lógica compleja para reducir el daño en relación a los hábitos abusivos y nocivos, como el uso intenso de pantallas entre niños.*

PALABRAS CLAVE: Corpomedia. Reducción de riesgos. Técnica Klauss Vianna. Educación Infantil.

***ABSTRACT:** Sharpening the senses and naming sensations is one of the proposals in Early Childhood Education, seeking to understand the relationship between the body and the environment. This article aims to discuss teaching-learning practices aimed at children in Early Childhood Education, with harm reduction, including the conceptual notion of corpomedia leading to the scrutinizing of the body with the Klauss Vianna Technique in educational activities with harm reduction. It is justified by the urgency of the notion of body in a dimension of complexity in education with the reduction of harm related to contemporary habits, encouraging a playful pedagogy. The methodology is exploratory and qualitative, including excerpts from a literature review of contemporary sources. The results propose that a pedagogy with the Corpomedia Theory, the Klauss Vianna Technique and harm reduction establish a complex logic to reduce harm in relation to abusive habits, such as the intense use of screens.*

KEYWORDS: Corpomedia. Harm reduction. Klauss Vianna Technique. Early Childhood Education.

Introdução: apresentações conceituais

A discussão deste artigo complementa os estudos envolvidos no trabalho “O papel do corpo na redução de danos: práticas de ensino e aprendizagem e cuidado com abordagem somática” (Oliveira; Katz, 2023), objetivando possibilidades pedagógicas de redução de danos para o público da Educação Infantil, ou seja, crianças entre 4 e 5 anos, considerando o corpomídia e as relações corpoambiente, a fim de propor práticas centradas no pensamento crítico em contextos formais, enfaticamente, e informais de educação. Para alcançar o objetivo, é executada uma revisão de literatura cujo critério de seleção é expor compêndios bibliográficos sobre as singularidades dos corpos infantis e os caminhos possíveis para a criação de processos de redução de danos nos fazeres cotidianos nas escolas. O recorte para a revisão seleciona teóricos protagonistas contemporâneos nas epistemes que direcionam a proposta deste artigo: a redução de danos com foco na educação para as drogas em cenário institucional; a compreensão de corpomídia, infância e juventude em perspectiva social, com o entendimento de corpo na infância e adolescência, sob a noção do conceito de juventudes; e a Técnica Klauss Vianna para o público-chave do artigo. Todas as referências serão identificadas.

Com base em Figueiredo e Eluf (2020, p. 183) e Sodelli (2020, p. 176), a abordagem com redução de danos corresponde a conjuntos de estratégias políticas e práticas coletivas e individuais com o objetivo de diminuir prejuízos associados ao uso de drogas lícitas e ilícitas, colocando em primeiro plano a relação que a pessoa estabelece com a forma de uso e a substância. Trata-se de um trabalho processual, a curto, médio ou longo prazo, com ações criadas conforme conhecimento e evidências científicas, o fortalecimento da autonomia, as singularidades e os direitos humanos. Coelho (2019) e outros autores vêm defendendo a noção de redução de danos não só em relação ao uso de drogas, mas também a outras relações danosas, como os usos abusivos de medicamentos prescritos e não prescritos e de jogos, redes sociais, enfim, de telas digitais.

Figueiredo e Eluf (2020, p. 184-185) delinham exemplos de adequações das maneiras de se abordar, por meio da redução de danos, o consumo cotidiano de componentes químicos agressivos, reconhecendo-os e constatando-os como o são, de modo a facilitar os objetivos e as deliberações de suas escolhas. A abordagem mencionada refere-se a crianças entre 5 e 9 anos de idade, produzindo ações lúdico-pedagógicas relacionadas ao contexto social e etário de cada uma ou de cada grupo de alunos, já que o enfoque é o Ensino Formal. Tais autoras (Figueiredo; Eluf, 2020) evidenciam que talvez não faça sentido tratar explicitamente sobre álcool, tabaco e outras drogas com crianças, a não ser que haja intensa vulnerabilidade social, no sentido do

estabelecimento de vivências diretas com tráfico e uso de drogas no local onde a criança vive. No entanto, indicam substâncias químicas com as quais se convive desde a infância, seguindo a cronologia dos cadernos didáticos destinados a anos escolares sequenciais, tratando da relação com produtos de higiene pessoal, limpeza, alimentos industrializados, medicamentos, rede de apoio formal de saúde e outros setores de assistência a cidadãos, drogas legais (com ênfase em cigarro e álcool) e ilegais.

Compreendendo que este texto discute estratégias educativas com redução de danos associados a hábitos e escolhas mais prejudiciais para o corpo da criança entre 4 e 5 anos, utiliza-se a referência de Gilberta Acselrad (2015, p. 18), apontando a importância de considerar a educação sobre drogas em um processo de construção de autonomia, à medida que jovens vão se encontrando em contextos de uso e relação com as drogas, desde a infância, evidenciando o possível uso precoce por crianças menores de 10 anos. Dessa maneira, a autora sugere que práticas de ensino-aprendizagem para a convivência com as drogas se iniciem cedo, entendendo o uso e o acesso a medicamentos como um advento incluído nas abordagens didáticas sobre psicoativos.

O recorte etário enfatizado neste artigo ressalta o público da Educação Infantil, em contexto formal de ensino, conforme instituído na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre 4 e 5 anos de idade, com a principal justificativa de discutir a educação para as drogas desde o período inicial do ensino formal, apoiado em dados qualitativos mapeados, explorando recursos didáticos com a proposta de diálogo com a Teoria Corpomídia, como entendimento de corpo, e a Técnica Klauss Vianna (TKV), como prática corporal e criativa que pode subsidiar e conduzir intervenções pedagógicas.

O conceito de juventude e de populações jovens também poderá ser adotado para auxiliar a perspectiva social, partindo do cenário adotado pelas pesquisadoras Fefferman e Figueiredo (2006), considerando o bojo de diferentes atravessamentos, sentimentos e emoções que crianças vivenciam, favorecendo a compreensão mais pontual das vulnerabilidades sociais dessa população. Nessa lógica, Fefferman e Figueiredo (2006) reconhecem situações de desigualdades racial, social e de gênero, fragilidade educacional e precarização de necessidades básicas para se viver, como moradia, acesso a oportunidades profissionais e qualificação do lazer. Todas essas condições, de alguma forma, justificam e/ou tensionam as relações de bem-estar, violências, prazer ou poder estabelecidas entre os corpos, socialmente.

As autoras também explicam juventude, conceitualmente, sob a condição de transitoriedade intensa, que “[...] termina por catalisar as tensões sociais, ao mesmo tempo em

que também as exterioriza, onde os conflitos sociais são visualizados [...]” (Fefferman; Figueiredo, 2006, p. 37). As vivências dos jovens esbarram nos desejos de e em experimentações primárias, na alternância entre dúvidas e certezas, constituindo-se, inclusive, nas ambivalências entre “[...] expansão do afeto e predomínio de necessidades de autorreferência que as vivências emotivas permitem, mas que o aqui-agora da modernidade arrisca-se a afundá-los no imediatismo e na superficialidade” (Fefferman; Figueiredo, 2006, p. 37).

A noção de vulnerabilidade complexifica e participa da lente que viabiliza o olhar para o fenômeno do uso ou das relações estabelecidas com o uso de drogas. Sodelli (2020, p. 176-179) apresenta o termo vulnerabilidade, originado no campo do direito internacional dos Direitos Humanos Universais, com o significado de nomear grupos ou pessoas fragilizadas jurídica ou politicamente para a garantia de seus direitos como cidadãos. Entende-se que os três níveis de vulnerabilidade, em sentido tridimensional e de teia, são os âmbitos individual, social e programático (Sodelli, 2020, p. 176-177). O primeiro refere-se à qualidade da informação sobre o problema, à capacidade de elaborar e corpar (Katz, 2021) seu repertório e, por fim, transformar preocupações sobre os problemas em estratégias de proteção; o segundo diz respeito à dificuldade de acesso e à habilidade de transformar mudanças práticas no meio social, interferindo em deliberações políticas, no ensino formal e no respeito às diversidades culturais e socioeconômicas; o terceiro nível corresponde às instituições e aos recursos necessários para a proteção relacionada a aspectos da cidadania em um regime democrático, como educação, saúde, moradia e trabalho.

Identificar a teia de vulnerabilidades do contexto no qual se produzem as intervenções de ensino-aprendizagem e, além disso, conhecer as histórias dos alunos, visando compreender, mesmo que superficialmente, o ambiente vivenciado por eles dentro e fora das escolas, pode potencializar ações empáticas e dialógicas na escola, fortalecendo a criação de estratégias para a redução de danos. Isso implica reconhecer as relações estabelecidas pelas crianças com colegas escolares e de sala de aula, com professores e outros profissionais da escola, bem como com familiares, hábitos, rotinas e espaço socioeconômico. O conceito de vulnerabilidade, assim entendido, também pode auxiliar a compreensão da complexidade do corpo como corpomídia.

Olhar conceitualmente a noção de corpo da qual parte o desdobramento do tema em evidência utiliza a lente de embasamento da Teoria Corpomídia, fruto da pesquisa das parceiras acadêmicas, professoras e pesquisadoras do corpo e da comunicação, Katz e Greiner (2005). Por essa perspectiva, o corpo não é visto como objeto, diferentemente disso, corpo é entendido

como pessoa, abraçando a complexidade biopsicossocial que um corpo é, também compreendendo a inerência ao ambiente no qual se compõe e que compõe, mutuamente. Todavia, difere-se do mutualismo biológico em que há protocooperação, ou seja, uma relação independente entre dois seres vivos que gera benefícios para ambos, porque há contaminação das informações em fluxo na relação corpoambiente que as atravessam e as constituem sendo interessantes ou não e benéficas ou não, conforme corpo e ambiente já o estão sendo.

Partindo do entendimento da abordagem somática, detalha-se brevemente a TKV, que diz respeito a uma prática corporal produzida por recursos artístico-pedagógicos que podem enriquecer os fazeres educativos para a população infantil. A TKV investiga as percepções dos modos como o corpo se move, com instruções orais que favorecem a escuta corporal nos estudos das movimentações eficientes biomecanicamente, da investigação de processos criativos e a partir de direcionamentos ósseos, relacionados à unidade espaço-temporal. Com a população infantil, endossa a criatividade com procedimentos lúdicos, ao mesmo tempo que explora as movimentações e revisita padrões de movimentos cotidianos, de maneira que contribui para a atenção às possibilidades de movimento, considerando as variações de peso e as tendências de distribuição dos apoios dos corpos em pauta, que estão em crescimento.

É importante ressaltar que não existem regras ao se trabalhar a TKV com diferentes faixas etárias, pois os tópicos são os mesmos; não existe, também, uma forma estanque de os propor para crianças, adolescentes ou adultos. O importante é dar autonomia de pesquisa ao aluno, o que acontece independentemente de sua idade (Laszlo, 2018, p. 34).

Esta citação mostra a “autonomia” como eixo difusor da Técnica, sendo os processos didáticos conduzidos com essa premissa, que propicia reflexão crítica, noção de coletividade, reconhecimento das percepções e estudo para assertividade na comunicação verbal.

Entre 1 e 6 anos de idade, aproximadamente, as crianças vivem os três primeiros estágios da infância, como apontam Martins e Rodrigues (2023). Respectivamente, vai se refinando o sistema sensorio-motor para a manipulação, com colaboração de adultos, inclusive em relação às funções simbólicas da linguagem, enquanto, no próximo estágio, a criança assimila a manipulação de objetos conforme as normativas sociais, compreendendo como se relacionar com eles. No terceiro estágio, segundo as autoras, ocorre a percepção da criança no mundo, sendo as brincadeiras com papéis sociais um recurso importante (Martins; Rodrigues, 2023).

Os estágios da infância descritos desenham a constituição das funcionalidades psíquicas, como memória e atenção, sensorialidade e percepção (leitura e nomeação da informação

sensorial) e vivências emocionais. O processo de complexificação das funções psíquicas acontece simultaneamente à apropriação da linguagem no espaço histórico-cultural. Emaranhando-se à Teoria Corpomídia, tais estágios da infância se desdobram com a vivência do corpo no ambiente, o que também inclui os contextos formal e informal de educação, desde o campo doméstico até as práticas escolares de ensino-aprendizagem. Nessa correlação, os conjuntos das informações que são e vão constituindo corpo decorrem do ambiente em que se vive.

Pode-se ressaltar as contribuições da redução de danos, sob essa perspectiva, com procedimentos da prática somática desde o primeiro estágio da infância, quando há o aprimoramento do sistema sensório-motor com a facilitação por adultos, como uma maneira menos danosa de estabelecer a relação com um objeto, sejam alimentos ou mídias. Evidentemente, o discernimento quanto à dimensão das consequências e dos benefícios ocorre com o amadurecimento do corpo; porém, os desejos são inerentes ao ser humano e participam, inclusive, dos critérios para a escolha, desde a infância. Apoiar-se nos referenciais teóricos da redução de danos auxilia fortemente a disponibilização de recursos para avaliação e opção do modo como se realizará algo, tendo em vista a complexidade da tendência a atender a expectativas normatizadas socialmente ou ao anseio de pertencer a algum grupo, como Fefferman e Figueiredo (2006) exemplificam ao se referirem aos desejos relacionados a experimentações desconhecidas.

A justificativa de combinar elementos da redução de danos com a TKV explica-se com as autoras Figueiredo e Eluf (2020, p. 185), quando apontam que “[...] outras formas de abordagem podem contribuir para a construção de estratégias de Redução de Danos no consumo de drogas que se pautem na vivência de seu cotidiano, que é [...] familiar e escolar”. Elas também indicam alguns possíveis conteúdos de abordagem para crianças a partir da faixa etária dos 5 anos de idade, como descrito na introdução, desde a construção do entendimento de moderação no consumo, da relação com produtos químicos e alimentares, até a rotina de autocuidado, prevenção e orientações sobre serviços de saúde.

Trabalhos como o de Silva e Coelho (2022) reforçam a importância de considerar não apenas a infância, mas outras fases da juventude, como a adolescência, sobretudo reconhecendo e compreendendo as distintas e intensas situações de vulnerabilidade física, mental e emocional, individual, social e programática, vividas nas fases da infância. Situações como fazer sexo de forma desprotegida e recorrer ao álcool e a outras drogas para alívio de ansiedade, angústia e

outras formas de estresse vivenciadas na juventude expressam e exemplificam caminhos que ampliam possibilidades de riscos e danos na vida juvenil.

Não se pode perder de vista que, com frequência, o corpo é colocado em xeque nas abordagens educativas. Quase sempre é visto como algo que deve ser preservado a qualquer custo e que, para tal, regras de manutenção devem ser cumpridas, o que reflete um repertório proibicionista pautado na abstinência como caminho pedagógico para o bem-estar e a saúde. Exatamente partindo dessa crítica é que os pesquisadores Silva e Coelho (2022) têm a percepção de que o contexto escolar pode alicerçar discussões pautadas na redução de danos, para além do uso de drogas, mas como pedagogia libertadora em variadas esferas:

Em comum, estes estudos trazem críticas às abordagens proibicionistas e perspectivas e possibilidades de adoção da RD em suas variações, no cotidiano do espaço escolar, dando ênfase aos aspectos contextuais dos usos de drogas, à valorização do professor como figura de autoridade para tratar do tema, e aos subsídios da saúde e dos direitos humanos no compartilhamento de conceitos-chave para a abordagem escolar, como prevenção, vulnerabilidade, cuidado e atenção, entre outros (Silva; Coelho, 2022, p. 6).

Na redução de danos, o sujeito “[...] passa a ser visto como protagonista das reivindicações de seu contexto social e responsável pela implementação das modificações necessárias para a melhoria de sua vida pessoal e relacional” (Coelho, 2019, p. 59). O autor foca em pessoas que fazem uso de práticas de abuso e na importância de debates que sensibilizem para uma política do corpo que também considere a não abstinência como caminho de prazer ou de diminuição de mal-estares. Em se tratando das relações com o corpo, é possível aferir aproximações da proposta pedagógica da redução de danos com os fundamentos da abordagem somática e da relação corpo–ambiente.

Tratando-se de populações jovens, focando exclusivamente na infância, entre 4 e 5 anos, convém considerar, neste artigo, o momento histórico atual pelo qual a infância passa. Quanto à relação com a temporalidade, vale ressaltar a agilidade da atuação na vida e a ânsia pelo imediato, agudizadas conforme a intensificação do uso das telas e das redes digitais, progressivamente maiores. As consequências desse modo de estabelecer contato com o digital esbarram nos embates entre o presencial e o virtual ou na modalidade presencial facilitada por tecnologias digitais, quando se trata de educação, por exemplo. Não é inédito que as relações do/com o corpo sejam temporalmente afetadas, trazendo repercussões no relacionamento interpessoal, sobretudo com os familiares, nos prejuízos à saúde mental, favorecendo sofrimentos psíquicos agravados e na escassez de esperança e alegria como modulações da

pulsão de vida. As juventudes, em seus diferentes recortes etários, desde a infância, tendem a ser mais afetadas, principalmente após a crise sanitária instaurada pelo *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19) (World Health Organization, 2022).

O método direcionador do estudo é exploratório e qualitativo, utilizando levantamento e curadoria de dados bibliográficos da Teoria Corpomídia, da redução de danos, da TKV e do público em pauta.

O ponto de partida para pensar o sentir, o agir e compreender as potencialidades e as diversidades dos corpos e como eles podem favorecer possibilidades de ensino parte do conceito de corpomídia, nomeado assim pelas pesquisadoras Katz e Greiner (2005) e discutido no trabalho de Oliveira e Katz (2023), orientando com aportes teóricos que favorecem o entendimento do corpo com a TKV e inclinando-se para uma pedagogia da redução de danos, que permita reflexões e críticas importantes, conforme pontuado nos trabalhos de Fefferman e Figueiredo (2006), Coelho (2019), Silva e Coelho (2022), em articulação com o público infantil, Figueiredo e Eluf (2020) e Martins e Rodrigues (2023). Seguindo tal perspectiva, discute-se o potencial da Técnica Klauss Vianna na formação das crianças com base em Laszlo (2018) e Miller (2010).

Metodologia: o corpo com TKV e redução de danos nas práticas de ensino-aprendizagem para a população da Educação Infantil

A metodologia designa a redução de danos e a TKV, com seus princípios, recursos didáticos e práticas de cuidado, como bases científicas. Não se pode esquecer da lente por meio da qual se vê a redução de danos e a abordagem somática: a corpomídia, que se iguala ao significado de corpo. O objetivo principal é explicar a possibilidade metodológica de trabalhar na perspectiva da redução de danos com atividades de abordagem somática nas práticas de ensino-aprendizagem produzidas com crianças, para além da lente, isto é, do entendimento de corpo no qual o artigo implica.

Que corpo se considera nas abordagens educativas nas salas de aula brasileiras? Será que é possível pensar caminhos redutores de danos a partir do dimensionamento do corpo? Nessa ótica, vale lembrar que as possibilidades de sentir o corpo e perceber que todos fazemos parte do mesmo espaço planetário (corpoambiente) consideram reconhecer as possibilidades, limitações e necessidades juvenis, independentemente da faixa etária. Para tal, a imposição e a hegemonia de um corpo padrão devem ser desconsideradas, viabilizando diálogo e escuta em

quaisquer que sejam os contextos — escolas, aparelhos culturais, serviços de saúde e núcleo familiar (configuração mosaico) — em ações com juventudes.

Partindo dos pressupostos teóricos e conceituais mencionados, há de se reconhecer que a pedagogia da redução de danos corresponde a um ponto de vista que cria estratégias de ensino-aprendizagem e cuidado, enlaçando as composições do ambiente no qual se vive às necessidades, limitações e potencialidades corporais. Tendo de lidar com o que faz a relação corpo-ambiente e construindo recursos para favorecer as habilidades de adaptação para a permanência, isto é, reduzindo danos nas relações interpessoais, nas escolhas do que e de como se consome e nos modos de vida possíveis. Sendo assim, um processo em redução de danos se faz a partir das singularidades de cada corpo, complexificado nas modificações constantes pelas negociações das trocas de informação entre corpo e ambiente.

As autoras Martins e Rodrigues (2023) apresentam as brincadeiras, a criação e a linguagem como ferramentas de ensino-aprendizagem, uma vez que as diretrizes do documento normativo da BNCC (Brasil, 2018) são insuficientes no quesito referências; aliás, isentam-se de recursos metodológicos para fomentar práticas de ensino-aprendizagem capazes de qualificar os conteúdos disciplinares necessários para o cumprimento da Educação Básica, somados à elaboração biopsicossocial da infância.

Silva e Coelho (2022) apontam a superficialidade da tratativa nos eixos temáticos, transpondo a ética associada à civilidade e ao civismo, exemplificando a abstenção da formação de pensamento crítico. Em vez disso, observa-se “[...] os impactos do novo ordenamento legal da educação, enfatizando seu caráter hierárquico, excludente, retrógrado, privatista e mercantil das normativas” (Silva; Coelho, 2022, p. 15).

Este excerto amplia e estimula a reflexão para as gerações futuras, educadas com esta BNCC (Brasil, 2018): se a educação formal não ocupa o lugar de oferta crítico-político-social acerca das atualidades, cabe à educação informal — constituída com ensino formal frágil —, seja ela social e/ou doméstica, preencher o ensino sobre referenciais para compreensão e atuação no mundo. Como este corpo-ambiente reconhece os riscos e os danos das práticas abusivas? Como a escola que se propõe a reproduzir conteúdos disciplinares, de fato, se preocupa em educar para reduzir os riscos e danos, caso perpetue uma lógica interna de agressão e falta de liberdade, ao tolher os jovens de incluir o entendimento das relações com as percepções corporais como algo fundamental para o alcance da dita saúde?

Como apontado por Silva e Coelho (2022), de forma geral, o novo ordenamento legal que se instituiu nos últimos anos comunga com a violência estrutural que a escola e seus

estudantes sofrem há tempos. Uma violência que padroniza os conteúdos curriculares com a falsa ideia de liberdade e acesso à informação, mas que, convenhamos, muito mais inibe um entendimento de mundo com mais equidade e democrático, uma vez que está pautado no ato de proibir para a busca do bem-estar, euforicamente marcado pela pedagogia proibicionista. Nesse sentido, cabe a defesa de uma abordagem somática, que aguça a sensibilização do corpo e reconheça suas limitações, potencialidades e diversidades, características marcantes da pedagogia redutora de danos (Oliveira; Katz, 2023). Assim, reconhecer os corpos das crianças na escola é um caminho importante para traçar projetos e adequá-los com ações e atividades que mobilizem o pensar, o agir, a motricidade e os sentimentos, de forma argumentativa e sensível.

Na lógica das escolhas, explorar diferentes recursos didáticos pode ser fundamental. Cora Laszlo (2018) traz, em seus relatos, uma pontuação desmistificadora quanto ao estudo de danças e outras práticas corporais, ao explicar que não há estímulo a competições, à noção de superação para além do limite de cada pessoa, ou a códigos de movimento que geram dor e frustração. Nessa linha de pensamento, ao expor tal reflexão, Laszlo (2018) faz referência ao lema “*no pain, no gain*”, que se trata da ideia de haver imprescindibilidade de sentir dor para provar a eficiência do exercício. A autora escreve sobre a investigação incentivada nas instruções didáticas com a TKV. A minuciosidade das vivências para escuta do corpo em movimento acontece em direção oposta à tentativa de reproduzir uma codificação específica, mais suscetível à frustração do que à percepção do mover em relação ao espaço e às possibilidades anatômicas.

Jussara Miller (2010) discorre sobre a processualidade didática com a TKV para crianças a partir dos 5 anos de idade. Explica a proposta de realizar o estudo de princípios das danças com o movimento espontâneo das crianças. Por isso, sequências coreografadas não são ensinadas; há estímulo ao dançar investigando o mover. O trabalho de Miller (2010, p. 85) “[...] desenvolve o sentido de cooperação e integração com o outro, com o meio e consigo mesmo, a partir de jogos corporais de dança, trabalhando em sinergia os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais”.

Miller (2010, p. 86) argumenta sobre a didática da TKV, com seus princípios, tornando latente: “A liberdade de escolha inerente ao processo investigativo das vivências práticas do movimento [...] possibilita à criança criar novas estratégias do corpo em relação” aos outros e às instruções das propostas. Exemplificam-se, assim, maneiras como as diretrizes da TKV “corpam” (Oliveira; Katz, 2023) durante o processo didático, ou seja, vão “corpando”, isto

mesmo, acontecendo nas aulas; e, como o corpo discente cumpre outras funções sociais, o aprendizado atravessa outros espaços onde se está. Desse modo, a didática contribui para a habilidade de escolha, considerando as regras — isto são as propostas —, as possibilidades, que podem ser criadas, e as condições do ambiente no qual se está, propiciando a adaptação de novas atividades e recursos.

Os princípios da Técnica são autonomia, autoconhecimento corporal, percepção do mover, escuta e presença intencional, valorização das singularidades, sendo que a pessoa que faz e a que facilita assumem papéis protagonistas de suas ações, de forma ativamente provocativa e corresponsável uma da outra. Tais diretrizes permeiam outras metodologias de abordagem somática, cujos procedimentos e recursos podem ser utilizados em oficinas de experimentações para qualificar o corpo na criação de estratégias para reduzir danos, como o Método Feldenkrais e a Eutonia (Oliveira; Katz, 2023, p. 58). Essas propostas artístico-pedagógicas são embasadas em abordagens somáticas que não partem de códigos de movimentos, mas de movimentações possíveis para cada pessoa, considerando estados corporais dinâmicos, variáveis frequentemente, e movimentos cotidianos.

Por que pensar em práticas de ensino-aprendizagem fundamentadas a partir da redução de danos com o corpo?

A tratativa de corpo, por meio da Teoria Corpomídia, na redução de danos, vem sendo estudada desde trabalhos anteriores mencionados, resultando no aporte que sustenta este artigo. O trabalho também se refere a ações com abordagem somática, enfocando a TKV como proposta para a sensibilização da escuta do corpo, de maneira que qualifica as deliberações cotidianas, corriqueiras ou imprevisíveis, em razão do repertório constituído nas práticas de abordagem somática. Tais atividades incluem reflexões críticas sobre o fazer, sensibilização corporal, relaxamento, percepção dos movimentos, recursos para eficiência biomecânica e processos criativos.

Quando adotada a compreensão corpomídia, há ampliação semântica no significado e na interpretação de corpo, aguçando a percepção, isto é, a habilidade de codificar as informações com as quais o corpo se encontra, sendo mídia de si. As possibilidades de codificação acontecem com os estados corporais e com base no repertório de cada pessoa e, com a redução de danos e a abordagem somática, são valorizadas, não ignoradas, por serem singulares. As diferenças são potencializadas.

Há que considerar que, na sensibilização, a limitação perceptiva também acontece em acordo com a maneira como a pessoa se sente no momento. Sensibilizar-se alterará o estado corporal, de maneira geral, assim como as emoções, e, por consequência, afetará as tomadas de decisão. Segundo Sigman (2017, p. 54), o reconhecimento do estado corporal pela atividade do córtex cerebral avalia alternativas, estimando riscos e benefícios (Oliveira; Katz, 2023, p. 63).

A hipótese defendida no artigo referenciado é a de “[...] no caso de termos mais aptidão para a identificação de nosso estado — do modo como estamos nos sentindo —, conseguiremos discernir, mais assertivamente, circunstâncias de exposição a riscos postos no ambiente em relação à maneira como estamos” (Oliveira; Katz, 2023, p. 63). Compreendem-se, assim, as práticas de ensino-aprendizagem da abordagem somática como favorecedoras do aguçamento sensorial, sendo este o principal recurso para reconhecer, com qualidade intencional de presença, possíveis situações de risco.

O neurocientista Mariano Sigman (2017) ajuda a responder que tal habilidade pode ser aprendida com a plasticidade neural, todavia ressalta a importância do interesse para validar o processo de aprendizagem. Assim como a redução de danos considera: precisa fazer sentido para a pessoa que utiliza a redução de danos, bem como identificar e respeitar as possibilidades do momento para realizar, propor ou escolher alguma estratégia para diminuir riscos ou danos.

A processualidade criativa da redução de danos sucede em evolução, no gerúndio, ao mesmo tempo em que adventos imprevisíveis ou esperados se realizam. Entender a redução de danos como processo criativo (Oliveira; Katz, 2023) desperta a pessoa interlocutora para os improvisos necessários ao se deparar com um acontecimento ao qual se pode responder de modos que se diferem, porém é preciso escolher uma possibilidade. Conhecer a dinamicidade dos processos de criação contribui para a aprendizagem e para o uso das abordagens somáticas, visando obter escuta sensível para mapear diferentes percursos de resolutividade.

A proposta deste modo de trabalhar o corpo (com abordagem somática) é um processo que vai acontecendo no corpo. Katz lembra que “Os órgãos psicomotores fazem parte do modo de nos tornarmos seres do mundo” (2005, p. 56). O corpo sensibilizado vai encontrando recursos, lidando com o ambiente com presença amplificada, e requer do professor uma familiaridade estreitada quando lida com efeitos de drogas (Oliveira; Katz, 2023, p. 65).

A citação dá pistas do percurso com sensibilização para a aptidão de escuta corporal, ao mesmo tempo que lembra a indispensabilidade do conhecimento de possíveis ações psicoativas das substâncias, considerando as especificidades dos efeitos, o estado do corpo em relação ao

ambiente e a adaptabilidade para lidar com as circunstâncias presentes na singularidade de cada caso e contexto.

Resultados: desafios do agora

A produção de ações de ensino-aprendizagem centradas no corpo torna-se possível utilizando princípios e recursos metodológicos — narrativos, de dinâmicas em grupo ou práticas corporais — da redução de danos e da TKV. Trata-se de uma proposta que acolhe as singularidades das pessoas que ensinam, educadores formais ou não formais, e dos discentes. Ela pode ser urgente se considerado o histórico, até a contemporaneidade, da fragilidade educacional no que tange a temáticas cotidianas com as quais se convive, como as desigualdades de gênero, raça e sociais, o uso de álcool e outras drogas no círculo familiar e a relação intensa com as mídias digitais, enfatizada quando se trata de crianças entre 4 e 5 anos, recorte etário neste texto.

Ainda seguindo com a exemplificação, a passagem de Silva e Coelho (2022) mostra a necessidade de refletir e implementar a proposta discutida agora nas práticas de ensino-aprendizagem nas escolas, em museus, centros culturais, recreações e no contexto doméstico: “O perigo da negação e do apagamento do debate sobre o tema das drogas no campo da educação, colocando em risco as gerações mais novas e as próximas, está posto” (2022, p. 16). Sendo assim, o maior desafio talvez seja a insuficiência deste artigo para a divulgação da proposta no eixo ensino-aprendizagem e formação de praticantes. Nesse ponto, no âmbito da educação formal e da educação para a redução de danos, vale anunciar as iniciativas disponíveis. A compreensão de corpomídia fortalece a proposta porque se difere da lógica normativa binária que caminha lado a lado com a segregação entre corpo e mente, negligenciando ou discriminando os desejos que são corpo e produzidos na complexidade que a relação corpo–ambiente é. Não entender o corpo como corpomídia, por exemplo, pode excluir a complexidade das experiências de sofrimento e de vulnerabilidades inerentes à condição humana.

Dessa maneira, a discussão crítica proposta neste artigo não almeja apresentar a noção de corpo igual a corpomídia como uma referência hegemônica de entendimento de corpo, mas, sim, como uma estratégia epistemológica e metodológica apoiada ativamente na Teoria Corpomídia, na redução de danos e na TKV, fortalecendo a redução de danos nos fazeres educativos com a Educação Infantil. É imprescindível ressaltar que há necessidade de imbricar

as três epistemes em pauta, dialogicamente, a fim de projetar e construir práticas de ensino-aprendizagem que não reproduzam binarismos, como identificado em Oliveira e Katz (2023). Nesse sentido, Silva e Coelho (2022) apontam a presença de um currículo mínimo, tanto nas propostas educativas proibicionistas quanto nas respaldadas na redução de danos em relação às drogas, podendo ser lida como uma mesma lógica em atuação, que permeia as duas abordagens, sendo que a proposta da redução de danos se pauta por princípios democráticos e pela priorização das singularidades dos sujeitos, logo em constante fluxo processual e em transformação.

Por fim, este artigo traz uma contribuição no sentido de apresentar, com dados qualitativos e exploratórios analisados, a proposta de instaurar caminhos diversos para tratar a redução de danos com a Educação Infantil, apartados da estrutura da lógica binária do currículo mínimo, sendo a compreensão de corpo na relação complexa com o ambiente necessariamente referenciada, e compreendendo que os princípios da TKV potencializam as práticas de ensino-aprendizagem da redução de danos associadas a usos prejudiciais, com alerta para as formas de utilização das telas, ou seja, de aparelhos e redes digitais, das formas de existir e das relações on-line. Assim, inaugura-se uma abertura de espaço para problematizar a importância de pensar a educação para a redução de danos na Educação Infantil, no âmbito da qualidade do cuidado integral, singular e social, buscando orientar os professores para lidarem com tais questões mais tênues da infância.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Gilberta. Estado do conhecimento sobre o consumo de bebidas alcoólicas no Brasil. **Série Cadernos Flacso**, n. 12, p. 8-24, 2015. Disponível em: <https://flacso.org.br/files/2015/03/58N12-GilbertaAcserlrاد.pdf>. Acesso em: 23 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação. União dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 8 maio 2023.
- COELHO, Francisco José Figueiredo. **Educação sobre drogas e formação de professores: uma proposta de ensino à distância centrada na redução de danos**. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2019.
- FEFFERMAN, Marisa; FIGUEIREDO, Regina. Redução de danos como estratégia de prevenção de drogas entre jovens. **Boletim do Instituto de Saúde – Bis**, São Paulo, n. 40, p. 37–40, 2006. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/03/1050282/bis-n40-juventudes-e-vulnerabilidades-37-40.pdf#:~:text=A%20redu%C3%A7%C3%A3o%20de%20danos%20se,n%C3%A3o%20se%20mostram%20suficientes%20isoladamente>. Acesso em: 9 maio 2023.
- FIGUEIREDO, Regina; ELUF, Maria Luísa. Educação para a moderação: redução de danos na abordagem educacional de criança sobre produtos químicos e drogas. **Boletim do Instituto de Saúde – Bis**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 182-191, 2020. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/39699?articlesBySameAuthorPage=5>. Acesso em: 8 set. 2024.
- KATZ, Helena. Corpar. Porque corpo também é verbo. In: BASTOS, Helena (org.). **Coisas vivas – fluxos que informam**. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 19-31.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria corpomídia. In: GREINER, Christine (org.). **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2005. p. 124–133.
- LASZLO, Cora Miller. **Outros caminhos de dança – Técnica Klauss Vianna para adolescentes e para adolecer**. São Paulo. Summus Editorial, 2018.
- MARTINS, Débora Borges; RODRIGUES, Adriana. Propostas didáticas para a educação infantil: a tríade brincadeira, criatividade e linguagem. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n. 65, p. 1–14, 2023. DOI: 10.5585/eccos.n65.22350. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/22350>. Acesso em: 21 maio 2023.
- MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?** – dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Marcella de; KATZ, Helena. O papel do corpo na redução de danos: práticas de ensino e aprendizagem e cuidado com abordagem somática. In: MEIRELLES, Rosane; COELHO, Francisco José Figueiredo (org.). **Ensino-aprendizagem em Biociências e Saúde: teoria e prática na pesquisa**. v. 1. Curitiba, PR: Editora CRV, 2023, p. 57–68.

SILVA, Maria de Lourdes da; COELHO, Francisco José Figueiredo. A educação sobre drogas no Brasil diante do novo ordenamento legal. **Linhas Críticas**, v. 28, p. e42176, jan./dez. 2022. DOI: 10.26512/lc28202242176. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/42176/33342>. Acesso em: 9 maio 2023.

SIGMAN, Mariano. **A vida secreta da mente**. São Paulo: Objetiva, 2017.

SODELLI, Marcelo. Redução de danos e educação. **Boletim do Instituto de Saúde – Bis**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 175-181, 2020. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/39698>. Acesso em: 8 set. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health and Covid-19: early evidence of the pandemic's impact. **Scientific Brief**, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/352189/WHO-2019-nCoV-Sci-Brief-Mental-health-2022.1-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 out. 2023.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Gostaríamos de agradecer ao Grupo de Pesquisa Educação e Drogas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPED/UERJ), especialmente à Professora Doutora Maria de Lourdes da Silva, pela cuidadosa e generosa leitura.
 - Financiamento:** Não aplicável.
 - Conflitos de interesse:** Não aplicável.
 - Aprovação ética:** Não aplicável.
 - Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
 - Contribuições dos autores:** A primeira autora ficou responsável pela concepção, pesquisa e organização teórica, principalmente relacionada ao conceito Corpomídia e às abordagens somáticas, redação textual e revisão. O segundo autor ficou responsável pela concepção, pesquisa teórica, principalmente relacionada à redução de danos e à Base Nacional Comum Curricular, redação, orientação e revisão.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

